

Dr. Rosinha, como é nacionalmente conhecido o senhor Florisvaldo Fier, nasceu no interior do Paraná, na cidade de Rolândia. Foi trabalhador rural em sua cidade natal, até mudar-se para a capital onde se formou médico. Atuou ao longo da vida em diversos movimentos sociais, e em 1988 começou sua trajetória política como vereador em Curitiba/PR até tornar-se deputado federal pelo estado em 1998, cargo que ocupa até hoje, após três eleições. Também esteve presente em momentos marcantes da política nacional, como na fundação do Partido dos Trabalhadores e da Central Única dos Trabalhadores no começo da década de 1980. A partir de 2002, o deputado Dr. Rosinha engajou-se nos assuntos referentes ao Mercosul, tornando-se vice-presidente do Parlamento do Mercosul em maio de 2007, e logo em seguida, em junho de 2008, assumiu a gestão de presidente do Parlamento do Mercosul. Foi nesta condição que o deputado gentilmente aceitou oferecer esta entrevista à Revista Eletrônica História em Reflexão, após realizar uma palestra no “Ciclo de Debates” na Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), no dia 14 de novembro de 2008. O evento, promovido pela FHC e pelo curso de Ciências Sociais da UFGD, contou com excelente público e a palestra “O Parlamento do Mercosul e a integração Latino-Americana” suscitou um profícuo debate entre os ouvintes. Em fevereiro de 2009 o deputado Dr. Rosinha transmitiu o cargo de presidente do Parlamento do Mercosul ao representante parlamentar do Paraguai. Durante seu mandato, deu especial atenção à questão da proporcionalidade por país dentro do Parlamento, por considerá-la um dos grandes desafios, que permitirá a eleição direta dos parlamentares.

Elaboração dos questionários e entrevista: Camila Adamo Cremonese e Daniele Reiter Chedid.

Colaboração: Marcos Antônio da Silva.

REHR: *Vamos iniciar a entrevista com o deputado Rosinha, deputado federal do Paraná, e atualmente presidente do Parlamento do Mercosul. Nossa entrevista: Possibilidades de Integração e Cidadania*

A partir de 2002, por volta de 2002, o senhor passou a discutir questões referentes ao Mercosul e foi presidente e secretário geral da Comissão do Mercosul no Congresso Nacional. No presente momento também presidente do atual Parlamento do Mercosul. O que despertou esse interesse pelo assunto? A partir de que momento o senhor se interessou esses assuntos ligados à política externa no caso, o Mercosul?

Deputado Rosinha: Eu sempre fui militante da área de saúde e de educação, tanto é que na Câmara de Deputados eu trabalhei muitos anos pelo menos quatro anos na comissão seguridade social e o interesse pelo Mercosul foi bastante secundário no início, secundário mesmo, mais eu tive como objetivo de estudar, tanto é que eu fui fazer curso de espanhol antes de entrar na comissão do Mercosul. Ocorre que em 2002 eu estava na comissão e 2003 eu voltei pra comissão mais eu não voltei a tê-la como a prioridade, eu continuava como prioridade a seguridade social. Ai houve um problema eu me coloquei contrário a reforma da previdência dentro do meu partido que é o PT, e assim eu perdi a vaga na comissão de seguridade social. Como eu perdi a vaga na comissão que eu sempre tive como prioridade eu passei a me dedicar ao Mercosul e passei a constituir ao Mercosul, tanto é que se não me falha na memória, não sei se foi agosto ou setembro, já em 2003, eu dei entrada ao primeiro projeto de constituição do Parlamento do Mercosul. E foi uma iniciativa assim muito pessoal porque não havia uma definição do Estado brasileiro favorável ao Parlamento. O Parlamento entrou como programa de trabalho no programa de 2004 e 2006 e ai nosso projeto já estava e passamos a discutir. Mas o Mercosul, o Parlamento foi até segundo nível. O que eu mesmo queria debater é o Mercosul. E passei a estudar, me dedicar a ler todos os tratados acordos, a ler vários livros e, a partir daí, e aí como o Parlamento ganhou fôlego, eu fui o negociador do protocolo do Parlamento. E hoje sou titular da Comissão de Relações Exteriores da Câmara. Eu milito muito na Comissão de Relações Exteriores, principalmente no que se diz respeito à integração da América do Sul.

***REHR:** Como o senhor definiria a importância em se falar do Mercosul e o que considera sua principal contribuição primordial? E na mesma medida, qual a importância de palestras como essas que foram realizadas hoje aqui na UFGD e debates sobre o assuntos são importantes na visão do Deputado?*

Dep. Rosinha: A questão do Parlamento, e isso é minha contribuição principal, foi em nome do Congresso Nacional com pouca interlocução dentro do Congresso Nacional. Eu digo pouca porque meus interlocutores era Presidente da Câmara e Presidente do Senado ao qual eu levava todas as dúvidas na hora de negociar, e às vezes eu consultava também o Poder Executivo, porque é um tratado que vinha a ser assinado pelo Poder Executivo. Participei de toda elaboração do Protocolo constitutivo do Parlamento. Tarefa muito árdua e muito difícil, porque você mexe muito com o ego das pessoas, mexe muito com o que alguém quer ser na vida, imaginando vou fazer um protocolo desses vou, vou pôr isso, vou deixar minha marca, cada um quer deixar uma marca no Protocolo. Então é muito

difícil fazer um Protocolo. Eu acho que a principal colaboração minha foi nesse Protocolo e colaborar com ele. Essas palestras pra mim são importantes porque eu imagino, e é minha intenção, que eu estou colaborando com a integração levando informação. É lógico que a informação cada um deve ser levada porque você tem que ir em busca dela. Você tem que ler, tem que interpretar. Então eu faço a palestra justamente para as pessoas pensarem, e é lógico que pode ter alguma outra interpretação, principalmente pode interpretar diferente a análise política que eu faço, mas eu acho que elas são importantes porque levam à reflexão. A minha, as palestras gosto de fazer nas Universidades, gosto de fazer em Sindicatos e acho que estou contribuindo muito para a integração. Estou contribuindo mais com a integração do que o Parlamento. Mas, eu levo a informação, inclusive da razão do Parlamento e porque dele. Eu gosto de fazer isso por essa razão.

***REHR:** Muitos autores acabam defendendo a idéia de que o Brasil seria uma espécie de mentor, assumiria um papel hegemônico dentro do Mercosul, reforçando com isso a idéia, o status, de Brasil como potência regional e possível mediador internacional da América Latina. Como o senhor vê essa questão?*

Dep. Rosinha: O Brasil realmente é o maior país, ele tem uma hegemonia econômica, uma hegemonia política na América do Sul. Na América Latina se fosse ver ele teria uma disputa com o México. Mas, ele tem agora eu tenho que dosar esse papel pra que não transpareça e não seja imperialista. Porque às vezes num debate nós somos acusados de que o Brasil é um império, o Brasil é imperialista. E quando eu digo que o Brasil é um império, a história do Brasil, realmente o Brasil é um império, tem sua posição em relações aos seus países, seus países fronteiriços como império mesmo. Quando eu vou analisar a integração eu tenho que conhecer a história dos outros países, acho que é muito importante eu saber que quando a corte veio e fez do Brasil a sede do Império, junto veio todo o corpo diplomático. O corpo diplomático trabalhava na diplomacia dentro da Europa, esse corpo diplomático deu ao Brasil uma outra condição que outros países não têm. Não só condição de inserção mundial, mas sim em todas as disputas internas, inclusive a de unidade territorial e do tamanho de território que nós temos e o resto da América do Sul não teve isso. Essa condição coloca o Brasil hoje muito bem situado dentro do debate da América, pela raiz histórica. Agora esse bem situado no sentido de ter uma política externa solidária. Eu acho que o Brasil desempenha isso. Alguns chegam a dizer que chega a ser imperialista, chega ser hegemônica demais. Apesar de que hegemônica já é demais. Mas, eu vejo hoje que o Brasil é solidário. Quando o Brasil propõe um fundo de convergência estrutural dentro

do Mercosul, fazendo a concessão que faz, quando o Brasil faz concessões em tratados bilaterais ou concessões como fez em recentes relações com a Bolívia na questão da Petrobras. Eu acho que isso é necessário é mostrar um país com capacidade de visão integracionista, sem impor a sua vontade e sim uma maneira solidária. Em relação ao Paraguai é muito solidário em muitas coisas. Por exemplo, não só Paraguai. Paraguai, Bolívia outros, países nós fazemos uma inserção desses países também com capacidade técnica, na área de HIV/AIDS, por exemplo, o governo brasileiro é um programa que é discutido e levado pra esses países. Hoje, com o Paraguai, nós estamos discutindo com ele como construir um sistema de saúde pública no Paraguai pra dar o direito a população paraguaia e os moldes do nosso SUS que ainda é questionado mais é um sistema universal. Então acho que a hegemonia brasileira nós temos que usá-las no sentido, não de imposição, mas no sentido de criar os hábitos de solidariedade e integração. E tem usado isso. Eu acho que deve e está usando.

***REHR:** É inevitável que ocorram algumas comparações entre o Mercosul e a União Européia que é uma espécie de referência na questão de mercados comuns. Para o senhor, que aspectos políticos, sociais, econômicos da União Européia podem ser tomados como exemplos pro Mercosul e seguidos e o que não pode ser comparado devido a diferenças até históricas, culturais, entre os dois blocos.*

Dep. Rosinha: Primeiro acho que já começa na tua pergunta que é importante a referência histórica. A União Européia é construída a partir de duas guerras, eles constroem a União Européia buscando a paz, achando que, eu tive duas guerras que arrasou o continente, eu não posso mais ter guerra, então vamos começar a construir a união desses povos. E o Mercosul ele surge num processo de crise econômica, ele surge para buscar a solução econômica. Lógico que a União Européia foi em busca de solução econômica, tanto é que o primeiro acordo foi o carvão e do aço, é onde você busca a infra-estrutura e a energia. Mas ele tem principalmente a base da paz. Então esta diferenciação é importante. Aí tem um modelo diferente. A União Européia é, é supra nacional, então você não constrói consensos, você faz o debate e vai pro voto, e quem é maioria votou numa posição é colocada a União Européia; o Mercosul é consenso político, não há o voto, ele é intergovernamental. Então, então são diferenças fundamentais. Agora o que serve muito pra nós é a experiência, a União Européia demorou vinte anos para fazer eleições do Parlamento, por exemplo, nos vimos que essa experiência foi ruim para a União Européia, no sentido da construção da cidadania. Nós fizemos nosso protocolo, com antecipação pra

quatro anos, e provavelmente não vamos cumprir em função de posições do Paraguai, que tem se colocado contrário a proporcionalidade Mas nós encurtamos, a, o exemplo, a experiência da União Européia nos serve de exemplo e nos dá condição de encurtar caminhos. Acho que é basicamente isso.

REHR: *Já que o senhor acabou de mencionar a questão da proporcionalidade eu queria te perguntar então que atualmente a representação do Parlamento do Mercosul não garante uma distribuição de parlamentares que garanta a equidade na representação dos países. O deputado mencionou que são dezoito atualmente, pra cada país, mas há um, é, planejamento para que seja proporcional, né? E o que tem sido feito nesse sentido então, neste momento?*

Dep. Rosinha: É, bom, o Protocolo estabelecia que a proporcionalidade tinha que ser definida até 31 de dezembro de 2007. A pedido do Paraguai que tinha eleições em 20 de abril de 2008, nós prorrogamos esse prazo para 31 de dezembro de 2008. Bem, aí, o período inicial, de 2007, era, até maio, aliás, é, até maio, estaria na presidência os paraguaios, que não, não puxou o debate, pois a pedido deles a presidência do Roberto Condi do Uruguai não fez o debate, a pedido dos paraguaios, aí esse ano a eleição de 20 de abril no primeiro semestre, também não teve o debate. Eu coloquei no programa de governo do meu mandato que vai até 15 de fevereiro de 2009 esse tema, mas teria que ser concluído até 28 de novembro, desse mês, para que pudesse o poder executivo assinar em dezembro. O Paraguai se colocou contrário ao debate de proporcionalidade. Então hoje não há o debate, não tendo o debate não é possível, daí, sem a proporcionalidade, ter eleições no Brasil, ou nós diminuimos a proporcionalidade, ou Brasil e Argentina não tem como eleger seus parlamentares. Pra mim isso é um atraso muito grande do Parlamento, é uma, um atraso para o Mercosul, não é o Mercosul, é o Parlamento que vai está ferido, que vai deixar de democrático, mas o próprio Mercosul vai ter uma instituição, é, uma instituição, vamos dizer assim, com um déficit enorme, isso nós vamos atrasar a construção da cidadania no Mercosul, porque o Parlamento não vai construir cidadania, mas ele é um passo importante na cidadania.

REHR: *São freqüentes as preocupações que os debates do Parlamento do Mercosul não fiquem restritos apenas ao ambiente governamental, mas seja ampliadas também para as demais esferas representativas da sociedade. Nesse sentido, como atuar na busca de um fortalecimento econômico tendo uma política socialmente comprometida? E como o*

Mercosul colabora e pode colaborar com as questões sociais dos países, dos países acordados?

Dep. Rosinha: Isso falta, falta muito ainda, falta bastante. Eu acho que economicamente a integração não é ainda a ideal e nunca vai ser, não há bloco que vai chegar num momento ideal. Porque se eu tenho um bloco como o Mercosul, é, que atingiu um patamar, logo em seguida vou buscar outro patamar, alcanço aquele vou buscar outro, assim é a União Européia com mais de cinquenta anos, assim vai ser qualquer bloco econômico. Então nós nunca vamos estar completos, a integração sempre será incompleta. E na área econômica o Mercosul é o que está mais avançado, é, tanto é que nós estamos discutindo agora o fim da cobrança interna, a manutenção da tarifa externa única para os quatro países, mas não tendo mais a cobrança interna. Isso é um passo econômico bastante importante, a hora que você deixa barreiras alfandegárias internas, barreiras econômicas. É, aí vem o passo social, e esse é muito difícil. Na questão da previdência nós demos um passo importante, que eu posso trabalhar hoje em qualquer país, em qualquer país do Mercosul e contribuir com a previdência pública, quando eu vou me aposentar meu diploma é reconhecido nesse país. Isso já tem inclusive gente aposentada com essa condição. A questão do trabalho é um tema muito atrasado ainda, tem uma declaração de dez anos atrás que não foi revista, agora que nós vamos começar a fazer o debate de revisão da garantia do direito ao trabalho, ele é limitado hoje nós queremos avançar mais, e também o tratado de direito de residência, que é aprovado nos quatro países não foi depositado ainda pelo Paraguai. Esse acordo de residência garante aos estrangeiros, que hoje são estrangeiros, brasileiro no Paraguai, ou brasileiro em qualquer outro país, ou argentino em qualquer país ou vice-versa, garante o direito de residência documentada, não lhe dá a cidadania ainda, mas lhe dá o direito de residência. Isso pra nós é importante em relação ao Paraguai, porque muitos dos brasileiros que moram lá vão adquirir o direito de residência e colocam a legalidade naquilo que hoje é ilegal. Então, e na área das universidades, a última informação que nos foi dada é que há um grupo de trabalho, é criando, formando a agência, uma agência de creditação dos processos de formação universitário, reconhecendo vai definir um número, n número de cursos ainda não definido, e esses cursos serão os primeiros que serão acompanhados por essa agência, creditando todos aqueles jovens recém formados nesses cursos para trabalhar nos outros países. É um pouco demorado, a União Européia não reconhece internamente os diplomas. Então na área social eu acho que muito importante a atuação do Parlamento, e mais do que a atuação do Parlamento, a atuação da sociedade civil. A sociedade civil tem que cobrar, ela

não, se ela não cobrar não avança. O mundo avança pela cobrança, o mundo avança pela rebeldia, o mundo não avança se não tiver rebeldes.

REHR: *E pra finalizar, o senhor acabou de tangenciar um pouquinho essa questão da universidades, e como o Mercosul pode proporcionar então essa integração intelectual? O senhor já tangenciou um pouquinho... E que importância essa integração pode ter nas relações futuras entre os países do Mercosul?*

Dep. Rosinha: É, nós estamos bem longe, muito longe. Nós não conhecemos a literatura da América do Sul, nós não conhecemos o cinema da América do Sul, nós não conhecemos a história da América do Sul, né. E se nós não conhecemos isso, a integração dificulta. Eu acho extremamente importante um debate como este que fizemos aqui hoje sobre integração, mas também um debate sobre literatura, eu nunca vou conhecer tudo, mas eu acho importante na integração nas universidades é o papel na questão cultural. Eu conhecendo a cultura de uma pessoa, eu respeito essa pessoa. Eu quebro preconceito, eu tenho preconceito em relação aquilo que geralmente eu não conheço e me nego a conhecer. Na hora que eu conheço e faço o diálogo o preconceito rompe. Então o Mercosul tem que fazer muito isso, a América do Sul tem que fazer muito isso. Eu sou preconceituoso em relação ao paraguaio, mas eu não conheço o paraguaio e quando eu vejo eu viro as costas. Mas isso é próprio da história. Até outro dia acabei escrevendo num texto que nós fomos constituídos como nação de costas para a América do Sul e de frente para a o Atlântico, nosso horizonte era a Europa. E o resto da América também olhava pro Pacífico, mas também o horizonte deles era a Europa, não era outro que não a Europa. Então, quando a gente se encontrava, se encontrava na Europa, não se encontrava aqui, aqui fazia a disputa. Então, hoje nós temos que virar de frente um pro outro, e construir a integração, é, através dos processos culturais. A universidade, na minha opinião é fundamental, fundamental. Ações, atos, culturais, debates de literatura, debate de cinema, debate de teatro, artes plásticas, costumes, alimentos, alimentação, que maior cultura do que me alimentar, eu acho que... eu olho no outro e o outro não vai ser meu adversário. Eu vou olhar no outro e ver no outro pode ser meu aliado. E sendo aliado eu faço a integração. Enquanto eu olhar no outro como adversário e inimigo, isso eu posso ver no Brasil também, eu não posso olhar pro índio e achar que ele é meu inimigo, eu não posso olhar pro negro e... eu tenho que olhar e ver o que, como é que nós vamos construir junto o quê, acho que isso é integração.

REHR: *Então, gostaríamos de agradecer o Dr. Rosinha pela oportunidade de conceder essa entrevista, né...*

Dep. Rosinha: Estou à disposição, sempre.

REHR: *Sua autorização para que ela seja publicada?*

Dep. Rosinha: Está autorizada, está autorizada. Está autorizada se eu ganho um volume.

REHR: *Ela é on line, pode acessar em qualquer lugar...*

Dep. Rosinha: Que ótimo, que ótimo, eu só quero o site,

REHR: *Vamos passar direitinho, era isso...*